

Crenças de autoeficácia entre professores de medicina e fatores relacionados à suas percepções

Self-efficacy beliefs among medical professors and factors related to their perceptions

Creencias de autoeficacia entre profesores de medicina y factores relacionados con sus percepciones

Recebido: 19/06/2022 | Revisado: 26/06/2022 | Aceito: 29/06/2022 | Publicado: 07/07/2022

Cláudia Ribeiro de Lima

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-3274-136X>

Universidade Federal de Goiás, Brasil

E-mail: claudia-ri@hotmail.com

Nilce Maria da Silva Campos Costa

ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-2531-1430>

Universidade Federal de Goiás, Brasil

E-mail: nilcecosta58@gmail.com

Alessandra Vitorino Naghettini

ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-2329-6222>

Universidade Federal de Goiás, Brasil

E-mail: alessandra_naghettini@ufg.br

Resumo

Objetivo: Investigar fatores associados à percepção de autoeficácia no ensino entre docentes médicos. Método: estudo de abordagem quantitativa, do tipo observacional, analítico, realizado com 60 professores do curso de medicina de uma instituição federal de ensino. Para a coleta de dados, foram utilizados a escala de autoeficácia docente de Woolfolk e Hoy (2001), validada no Brasil por Bzuneck e Guimarães (2003), e o *Maslach Burnout Inventory*. Foi aplicado o teste qui-quadrado para verificar se havia diferença significativa entre os participantes que apresentavam *Burnout* moderado e alto e a baixa autoeficácia. As variáveis foram testadas por meio de regressão logística para identificar possíveis fatores de risco para baixa autoeficácia. Foi utilizada a análise univariada e as variáveis com $p < 0,20$ foram selecionadas para análise multivariada. Para o teste do qui-quadrado, foi utilizado um nível de confiança de 95%. Resultados: Dos 60 professores estudados 11 (18,3%) apresentaram baixa autoeficácia e 49 (81,7%) alta autoeficácia. A autoeficácia teve média de $3,2 \pm 0,8$ pontos, com mediana de 3,3 e IC 95%. O *Burnout* alto foi observado como fator associado em 25,7% dos participantes identificados com autoeficácia baixa. Conclusão: A percepção da crença da autoeficácia (AE) no ensino é positiva (alta) no grupo estudado sendo a síndrome de *Burnout* o principal fator associado à AE baixa. Além disso observa-se relação com gênero feminino, ≥ 50 anos, não estar em um relacionamento fixo, não ter filhos e a não dedicação exclusiva a docência, tempo de trabalho ≥ 15 anos, ausência de vínculo efetivo como concursado.

Palavras-chave: Autoeficácia; Professores; Ensino; *Burnout*; Medicina.

Abstract

Objective: to investigate, among medicine professors, the perception of the Self-Efficacy (AE) belief in teaching and its associated factors. Method: study with a quantitative approach, observational, analytical, carried out with 60 professors of the medical course of a federal educational institution. For data collection, the Woolfolk and Hoy (2001) teacher self-efficacy scale, validated in Brazil by Bzuneck and Guimarães (2003), and the Maslach Burnout Inventory were used. The chi-square test was applied to verify if there was a significant difference between participants who had moderate and high burnout and low self-efficacy. The variables were tested using logistic regression to identify possible risk factors for low self-efficacy. Univariate analysis was used and variables with $p < 0.20$ were selected for multivariate analysis. For the chi-square test, a confidence level of 95% was used. Results: of the 60 professionals studied, 11 (18.3%) had low AE and 49 (81.7%) had high AE. AE had a mean of 3.2 ± 0.8 points, with a median of 3.3 and 95% CI. High Burnout was observed as an associated factor in 25.7% (of the participants identified with low self-efficacy, which may indicate that AE is one of the variables that interfere in the development of the syndrome. Regarding the sociodemographic variables, 31 (51.7%) teachers participating in the study were female, the predominant age group was 50 years or older (63.4%), the majority (91.7%) had a steady partner and two children (53.3%) Regarding teaching time, most 36 (60.0%) reported having more than 15 years of experience; 38 (63.3%) taught at undergraduate and graduate levels at the same time; 55 (91.7%) stated that teaching was not their main activity and 43 (71.6%) worked as professionals. Conclusion: The perception of self-efficacy in teaching is positive (high) in the studied group, with Burnout syndrome being the main factor associated with low self-efficacy. The most relevant risk factors for low self-efficacy were being female, ≥ 50 years old, not being in a steady relationship, not

having children and not being exclusively dedicated to teaching, working time ≥ 15 years, absence of an effective bond as a public servant. The results of this study can be used to improve institutional management and teaching practice.

Keywords: Self-efficacy Belief; Teachers; Teaching; Knowledge.

Resumen

Objetivo: Investigar factores asociados a la percepción de autoeficacia en la docencia entre profesores de medicina. **Método:** estudio con enfoque cuantitativo, observacional, analítico, realizado con 60 profesores de la carrera de medicina de una institución educativa federal. Para la recolección de datos, se utilizaron la escala de autoeficacia docente de Woolfolk y Hoy (2001), validada en Brasil por Bzuneck y Guimarães (2003), y el Inventario de *Burnout* de Maslach. Se aplicó la prueba de chi-cuadrado para verificar si existía una diferencia significativa entre los participantes que presentaban burnout moderado y alto y baja autoeficacia. Las variables se probaron mediante regresión logística para identificar posibles factores de riesgo de baja autoeficacia. Se utilizó el análisis univariado y las variables con $p < 0,20$ fueron seleccionadas para el análisis multivariado. Para la prueba de chi-cuadrado se utilizó un nivel de confianza del 95%. **Resultados:** De los 60 docentes estudiados, 11 (18,3%) presentaron autoeficacia baja y 49 (81,7%) autoeficacia alta. La autoeficacia tuvo una media de $3,2 \pm 0,8$ puntos, con una mediana de 3,3 e IC 95%. El Alto *Burnout* se observó como factor asociado en el 25,7% de los participantes identificados con baja autoeficacia. **Conclusión:** La percepción de la creencia de autoeficacia (EA) en la docencia es positiva (alta) en el grupo estudiado, siendo el síndrome de *Burnout* el principal factor asociado a la baja EA. Además, existe relación con el género femenino, ≥ 50 años, no tener una relación estable, no tener hijos y no dedicarse exclusivamente a la docencia, jornada laboral ≥ 15 años, ausencia de vínculo efectivo como servidor público.

Palabras clave: Autoeficacia; Maestros; Enseñanza; Agotamiento; Medicamento.

1. Introdução

De acordo com Bandura (1997), as crenças sobre autoeficácia (AE) podem ser conceituadas como a compreensão do indivíduo sobre sua capacidade de perseguir objetivos pessoais e profissionais. Portanto, essa crença pode determinar sua capacidade de dedicar mais tempo aos desafios, ou determinar como eles se comportam diante de situações desafiadoras em um ambiente de trabalho (Bandura, 1977). A AE é entendida como um conjunto de crenças autorreguladoras e orientadas que potencializam a capacidade do sujeito de planejar e realizar tarefas (Filho et al., 2021).

É importante salientar que a AE integra o autoconceito de um indivíduo sobre suas capacidades. Dessa forma, se ele não desenvolver um autoconceito positivo em relação à sua profissão, sua habilidade de envia esforços para melhor reconhecer e avaliar suas capacidades ficará comprometido, o que pode limitar suas ações profissionais (Bzuneck, 2009; Oliveira et al., 2021; Santabárbara et al., 2019; Santabárbara, 2020).

Para Bressa (2018), quando o professor possui fortes crença de AE, torna-se capaz de superar os obstáculos, os conflitos, a precarização, as exigências de produtividade e até as patologias relacionadas à docência tais como: depressão, síndrome de pânico e síndrome de *Burnout*. Isso também permite que ele atue com eficiência no ambiente de trabalho.

Uma das categorias profissionais que mais merece investigação acerca das demandas que ocasionam adoecimento mental é a de professores, pois são uns dos mais afetados no âmbito da saúde mental (Bandura, 1977, 2008; Azzi & Polydoro, 2006; Bressa et al., 2020).

Além disso, os impactos nesta esfera são tão significativos que alguns chegam a abandonar a função, sobretudo os docentes universitários, pelo excesso de tempo dedicado ao trabalho, pelos desafios na capacidade de lidar com as frustrações, incluindo os abalos na confiança em relação ao próprio desempenho, suscetibilizando o estresse e episódios depressivos (Azzi; Polydoro, 2006; Bressa et al., 2020; Garcia et al., 2020; Bechir et al., 2020).

Segundo Filho et al., (2021), a AE pode ser apresentada como um indicador importante do comportamento humano, por estar relacionada com a motivação e o desempenho do indivíduo, o que torna importante analisá-la em todo contexto educacional.

As exigências na formação integral e o desenvolvimento de várias habilidades inerentes à função médica podem ser fatores capazes de interferir na AE dos docentes (Santabárbara & López-Antón, 2019; Lopes, 2019; Dias-Viana, 2019; Souza, 2020; Garcia et al., 2020; Bechir et al., 2020; Filho et al., 2021).

Deste modo, o objetivo deste estudo foi investigar, entre professores de medicina, os fatores associados à percepção da crença de autoeficácia para ensinar.

2. Metodologia

Estudo de natureza observacional, analítico, transversal, desenvolvido com professores lotados no curso de medicina de uma instituição de ensino superior localizada na região Centro-Oeste do Brasil.

A amostra foi obtida pela fórmula de determinação do tamanho amostral apresentada por Martins (1992). Fez-se o cálculo a partir de uma população de 160 profissionais, considerando erro de 5%, assim obtendo-se o valor de 60 profissionais. Constituíram critérios de inclusão: ser professor do curso de medicina na instituição campo do estudo e estar atuando na instituição há, no mínimo, três anos.

Esta pesquisa atendeu aos princípios éticos fundamentais que norteiam pesquisas envolvendo seres humanos, descritos e estabelecidos pela Resolução 466/12 do Conselho Nacional de Saúde (CNS) (Brasil, 2013). O projeto foi encaminhado ao Comitê de Ética em Pesquisa e aprovado sob CAAE: 90763218.7.0000.5078 e Parecer: 3.114.455.

Em seguida, foi encaminhado aos docentes um e-mail com carta-convite explicando os procedimentos e objetivos do projeto. Aqueles que atenderam aos critérios de inclusão e confirmaram a sua participação no estudo receberam um *link* para acesso e assinatura do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE). Na oportunidade, após a assinatura do TCLE, também foi aplicado o instrumento de coleta de dados.

A AE foi avaliada pela Escala de autoeficácia Docente de Woolfolk e Hoy (2001), adaptada para o contexto brasileiro e validada por Bzuneck e Guimarães (2003). Tal instrumento mensura a AE docente e seus dois componentes constitutivos: AE pessoal e AE no ensino. É constituído de 12 itens numa escala *Likert* de cinco pontos, com opções de respostas para os docentes que variam de total discordância até inteira concordância. Os 12 itens são divididos em três subescalas: a) AE para usar estratégias de ensino: questões 1, 2, 3, 4; b) AE para manejo de classe: questões 5, 6, 7, 8; e c) AE para engajar os alunos: questões 9, 10, 11, 12.

O questionário sobre a síndrome de *Burnout* docente utilizado neste estudo foi o *Maslach Burnout Inventory* (MBI – ED) (Jimenez et al., 2002). O instrumento é constituído de 22 itens, além das questões demográficas. Nele podem ser destacados três aspectos básicos para avaliação: a) Exaustão emocional (EE), compreendida como fadiga e perda dos recursos emocionais próprios; b) Cinismo (C), caracterizado por sentimentos e comportamentos negativos acerca das suas atividades; e c) Eficácia no Trabalho (ET), verificada pelo significado atribuído à sua práxis. O modelo de escala é a *Likert* de 7 pontos, em que “0” – pontuação mínima, equivale a “nunca” e “6” – pontuação máxima, equivale a “todos os dias”. Este instrumento, validado no Brasil e em vários outros países, é apresentado pela comunidade científica como um dos melhores para detectar o grau do *Burnout* de um profissional (Lipp, 2007).

Para análise e identificação dos níveis do *Burnout* (baixo, moderado e alto) utilizou-se a tabela apresentada por Mclaurine(2008). Os valores expressam quantitativamente como o professor, no contexto de exaustão emocional, cinismo e eficácia, confronta as demandas e tarefas que precisa realizar no ambiente de trabalho em trabalhar.

Para classificação, foram considerados os valores descritos no Quadro 1, a seguir:

Quadro 1. Níveis de identificação das Dimensões da síndrome de *Burnout*.

	Baixo	Moderado	Alto
<i>Burnout</i>	<1,33	1,34 – 2,43	>2,43
Exaustão Emocional	<2,0	2,1 – 3,19	>3,20
Cinismo	<1,0	1,01 – 2,10	>2,20
Eficácia Profissional	<4,0	4,01 – 4,99	>5,0

Fonte: McLaurine (2008).

Os dados obtidos da população de estudo foram digitados, manipulados em *Excel* e posteriormente tratados com auxílio do programa *Statistical Package for Social Science* (SPSS) do Windows (versão 21.0). Inicialmente, realizou-se um estudo exploratório com objetivo de identificar possíveis erros de digitação.

As variáveis categóricas foram apresentadas como valor absoluto (f) e valor percentual (%). Aplicou-se o teste de regressão logística para identificar fatores de risco para a presença de baixa AE, considerando nível de significância de 5%.

3. Resultados

Dos 60 participantes, a maioria 31(51,7%) era do sexo feminino, tinha 50 anos ou mais 38 (63,4%), 55 (91,7%) tinham companheiro (a) fixo (a) e possuía dois filhos 32 (53,3%).

A maior parte dos professores 36 (60,0%) relatou exercer a docência há mais de 15 anos, 38 (63,3%) ensinavam para alunos de graduação e pós-graduação concomitantemente e 43 (71,6%) atuavam como profissionais concursados. Para 55 (91,7%) a docência não era a atividade principal (Tabela 1).

Tabela 1 – Distribuição dos professores de medicina participantes do estudo segundo as variáveis sociodemográficas no ano 2020.

Variável	Número de casos (n=60)	
	f	%
Idade		
30-40 anos	8	13,3
40-50 anos	14	23,3
50-60 anos	21	35,0
60 anos ou mais	17	28,3
Sexo		
Feminino	31	51,7
Masculino	29	48,3
Relações pessoais		
Com companheiro fixo	55	91,7
Sem companheiro	4	6,7
Sem companheiro fixo	1	1,7
Número de filhos		
Nenhum	5	8,3
Um	8	13,3
Dois	32	53,3
Três	15	25,0
Anos de experiência no ensino		
1 - 5 anos	4	6,7
5 - 10 anos	9	15,0
10 - 15 anos	11	18,3
15 - 20 anos	7	11,7
20 - 25 anos	13	21,7
25 - 30 anos	8	13,3
30 anos ou mais	8	13,3
Nível de ensino em que trabalha		
Graduação	19	31,7
Graduação e Pós-Graduação	38	63,3
Pós-Graduação	3	5,0
Atividade principal como docente na UFG		
Não	55	91,7
Sim	5	8,3
Situação de trabalho		
Concursado	58	96,6
Outra	1	1,7
Substituto	1	1,7

Fonte: Pesquisa direta (2020).

Dos 60 professores estudados, 11 (18,3%) apresentaram baixa AE e 49 (81,7%) alta. A AE teve média de $3,2 \pm 0,8$ pontos, com mediana de 3,3 e IC 95% de 2,9-3,4 pontos. A consistência interna do questionário foi comprovada por meio do alfa de Cronbach (0,82), demonstrando alta confiabilidade (Tabela 2).

Tabela 2 – Distribuição dos professores de medicina participantes do estudo segundo a percepção de autoeficácia no ano 2020.

Autoeficácia	N	%
Baixa	11	18,3
Alta	49	81,7

Fonte: Pesquisa direta (2020).

A Tabela 3 apresenta os dados da análise univariada para os possíveis fatores de risco para percepção de AE baixa. Observou-se que dos 38 indivíduos com idade igual ou superior a 50 anos, 15,8% apresentaram AE baixa; entre os 22 participantes com idade inferior a 50 anos, 22,7%.

Do total da amostra, 31 indivíduos eram do sexo feminino e 19,4% apresentaram baixa percepção de AE. No sexo masculino, 17,2% dos 29 participantes apresentaram baixa AE.

A análise da relação pessoal com parceiro mostrou que 55% dos indivíduos avaliados tinham companheiro fixo sendo que 18,2% deles apresentaram AE baixa. Já entre os cinco indivíduos sem companheiro fixo, 20,0% apresentaram comprometimento da AE.

Em relação à presença de filhos, dos 55 avaliados que tinham filhos somente 18,2% foram identificados com percepção de AE afetada, enquanto essa proporção subiu para 20,0% entre os cinco participantes que não tinham filhos.

Quando avaliado o tempo de atuação na docência, constatou-se que dos 36 indivíduos com experiência igual ou superior a 15 anos, 19,4% apresentaram baixa percepção de AE. Já entre os 24 participantes com tempo na docência inferior a 15 anos, 16,7% foram caracterizados com percepção de AE baixa.

Na análise dos níveis de ensino em que os docentes exerciam suas funções, dos 41 professores que atuavam na graduação concomitantemente a outros níveis de ensino 14,6% apresentaram AE baixa. No grupo de 19 professores que atuavam somente na graduação, a proporção foi maior: 26,3% apresentaram comprometimento da crença de AE.

Na análise do regime de trabalho, 55% não atuavam sob dedicação exclusiva e, destes, apenas 18,2% apresentaram AE baixa. Na avaliação da situação de trabalho, dos 43 professores concursados apenas 18,6% tiveram a percepção de AE comprometida, e dos 17 não concursados somente 17,6% apresentaram percepção de AE comprometida. O coeficiente de Cronbach demonstrou alta confiabilidade do instrumento de AE, com valor de 0,82.

Na avaliação das dimensões da Síndrome de *Burnout* como fator associado à baixa AE, observa-se que a presença da exaustão emocional não se apresentou como um fator significativo para diminuição da percepção da autoeficácia, com $p < 0,112$. Dessa forma, não foi possível aplicar a análise multivariada para as demais variáveis, visto que as demais apresentaram valor acima $p > 0,20$ não se apresentando de forma significativa como fatores de risco para baixa AE (Tabela 3).

Tabela 3 – Análise univariada dos possíveis fatores de risco para a percepção de baixa autoeficácia em professores de medicina de uma Universidade Pública no ano 2020.

Variável	Autoeficácia baixa	Total	OR (IC 95%)	p
Idade				
< 50	5 /22,7%	22	1,57 (0,42-5,90)	0,505
≥ 50	6 /15,8%	38		
Sexo				
Masculino	5 /17,2%	29	1,15 (0,31-4,28)	0,833
Feminino	6 /19,4%	31		
Relação pessoal				
Com companheiro fixo	10 /18,2%	55	1,12 (0,11-11,17)	0,920
Sem companheiro fixo	1 /20,0%	5		
Tem filhos				
Não	1 /20,0%	5	1,13(0,11-11,17)	0,920
Sim	10 /18,2%	55		
Experiência na docência				
< 15	4 /16,7%	24	1,12(0,11-11,17)	0,920
≥ 15	7 /19,4%	36		
Nível de ensino em que atua				
Graduação	5 /26,3%	19	2,08(0,55-7,95)	0,283
Outros	6 /14,6%	41		
Dedicação exclusiva				
Não	10 /18,2%	55	1,13(0,11-11,17)	0,920
Sim	1 /20,0%	5		
Situação de trabalho				
Concurado	8 /18,6%	43	1,07 (0,25-4,61)	0,931
Outros	3 /17,6%	17		
Exaustão emocional				
Não	4 /11,4%	35	3,01(0,77-11,73)	0,112
Sim	7 /28,0%	25		
Cinismo				
Não	8 /18,6%	43	0,94(0,22-4,06)	0,931
Sim	3 /17,6%	17		
Eficácia no trabalho				
Não	4 /28,6%	17	2,23 (0,54-9,14)	0,266
Sim	7 /15,2%	43		

Fonte: Pesquisa direta (2020).

Quando comparamos em relação a terem *Burnout* moderado e alto, observamos que 25,7% dos pacientes com *Burnout* alto apresentaram AE baixa (Tabela 4).

Tabela 4 – Comparação das variáveis em relação ao *Burnout* (moderado e Alto) e a autoeficácia em professores de medicina no ano 2020.

Variável	Moderado (n=24)		Alto (n=35)		p
	f	%	f	%	
Baixa Percepção de AE	2	8,3%	9	25,7%	0,092
Alta Percepção de AE	22	91,7%	26	74,3%	

Fonte: Pesquisa direta (2020)

4. Discussão

Os resultados sugeriram uma possível relação entre burnout e baixa percepção de EA, pois 25,7% dos pacientes com alto burnout apresentaram EAs mais baixas, embora os resultados não tenham sido significativos.

Souza (2020), em pesquisa com 317 professores da área da saúde de instituições públicas e privadas brasileiras, demonstra que crenças de AE fortes proporcionam níveis maiores de satisfação e bem-estar no trabalho, enquanto a baixa percepção de AE aumenta a vulnerabilidade e o desenvolvimento do *Burnout*.

Embora os resultados não tenham sido significativos, alguns fatores de risco estiveram mais associados à presença de baixa AE: sexo feminino, ≤ 50 anos, ausência de relacionamento estável e filhos, dedicação exclusiva à docência, vínculo efetivo tempo de trabalho ≥ 15 anos. Esses dados suscitam uma discussão essencial, a respeito de como a autoconfiança é impactada por fatores tanto de âmbito pessoal quanto profissional.

Segundo Muenchhausen et al. (2021) existe uma correlação significativa da AE do professor e a saúde mental deste profissional. Os autores relatam que a AE se relaciona com o trabalho e emoções positivas. Constatou-se ainda que a melhoria da AE melhora a satisfação e a qualidade de vida do professor.

Por outro lado, um declínio da AE compromete o desempenho da função e saúde mental do profissional. Pesquisas realizadas globalmente mostram uma correlação entre as crenças da EA (professores e/ou alunos) e os processos de ensino/aprendizagem (Santos, 2019; Bressa, 2018; Tenzin et al., 2019; Dallaghan, 2019; Souza, 2020; Lopes et al., 2020; Santabárbara, 2020). Bandura (1997) e Bopsin et al. (2021) também descobriram que essa crença potencializa todos os processos de controle sobre como os indivíduos usam suas habilidades e conhecimentos para atingir objetivos predeterminados.

Considerando o fato de que o estudo foi realizado apenas com professores de medicina, existem algumas limitações ao estudo associado ao fato de não ter sido possível medir de forma mais direta qual destes sistemas terá impacto. A expansão da análise favorecerá avaliações maiores.

Os resultados desses estudos, e também os dessa pesquisa, podem ser utilizados para melhor compreensão das consequências desses aspectos multifatoriais (de ordem sistêmica tanto pessoal quanto profissional da vida do sujeito) na percepção de crença de AE de professores universitários, bem como para implementação de estratégias capazes de minimizar esses impactos (Santos, 2019; Bressa, 2018; Tenzin et al., 2019; Dallaghan, 2019; Souza, 2020; Lopes et al., 2020; Santabárbara, 2020).

Os resultados aqui apresentados tornam compreensível que certos elementos sirvam como alarmes para fatores de risco e, portanto, devem ser investigados com mais cuidado para avaliar a autopercepção dos sujeitos sobre seu potencial desenvolvimento de habilidades de autoconfiança e desempenho geral no trabalho.

5. Conclusão

Observou-se que grande parte dos professores analisados apresentavam crença de AE alta, porém naqueles com percepção de AE baixa, identificou-se associação com a síndrome *Burnout* em 25,7%. Os achados desta pesquisa contribuem para melhor compreensão da percepção da crença AE em professores, bem como dos fatores de risco que podem estar associados à AE baixa nesta população.

Vale ressaltar que trabalhos futuros podem contribuir para investigação da autoeficácia em professores de medicina, propiciando a ampliação do conhecimento, identificando a associação da percepção autoeficácia baixa e a Síndrome de *Burnout* e aprofundando investigações sobre o conjunto de fatores determinantes para qualidade de vida do docente e ensino de qualidade.

Agradecimentos

Agradecemos a todos que direta ou indiretamente contribuíram para a realização e sucesso deste artigo.

Referências

- Bandura, A. (1997). Self-efficacy: The exercise of control. Freeman, *Worth Publishers*. 4(5), 604-800.
- Bandura, A. (1977). Self-efficacy: toward a unifying theory of behavioral change. *Psychological review*. 84(2), 191.
- Filho, J. O. C., Murgo, C. S. & Franco, A. F. (2021). Autoeficácia na educação médica: uma revisão sistemática da literatura. *SciELO - Scientific Electronic Library*. 1, 1-33.
- Bzuneck, J. A. & Guimarães, S. E. R. (2003). Crenças de eficácia de professores: validação da escala de Woolfolk e Hoy. *Revista Psico-USF, Bragança Paulista*. 8(2), 137-43.
- Oliveira, B. B., Marinho, R. L. B., Rêgo, J. C., Barreto, W. J. & Cayana, E. G. (2021). Síndrome de *Burnout*: o mal do trabalhador contemporâneo. In: *Congresso Brasileiro de Ciências da Saúde (CONBRACIS)*. 2, 1-7. <https://editorarealize.com.br/revistas/conbracis/trabalhos/trabalho_ev071_md4_sa1_id559_01052017203720.pdf>.
- Santabárbara, J. (2019) Autoeficacia estadística en estudiantes de Grado en Medicina. *FEM: Revista de la Fundación Educación Médica*, 22(6), 273-277.
- Santabárbara, J. (2020). *A relação entre stress ocupacional dos professores e a inclusão de alunos com deficiências*. Dissertação (Mestrado em Ciências da Educação) - Universidade Fernando Pessoa, 1, 1-113.
- Bressa, R. C. (2018). *Autoeficácia do docente de medicina na utilização do Objective Structured Clinical Examination (OSCE)*. Dissertação (Mestrado em Educação) - Universidade do Oeste Paulista, 1, 1-130.
- Azzi, R. G. & Polydoro, S. A. J. (2006). *Auto-eficácia em diferentes contextos*. Alínea, ed. 1, 100-162.
- Cazarin, N. I. P. (2016). *Autoeficácia de professores de línguas estrangeiras e a Síndrome de Burnout: um estudo exploratório*. Dissertação (Mestrado) - Universidade Estadual de Londrina, 1, 1-126. <http://www.uel.br/pos/mestredu/images/stories/downloads/dissertacoes/2016/2016_-_CAZARIN_Naely_Iamarino_Pizzi.pdf>.
- Bandura, A., Azzi, R. G. & Polydoro, S. A. (2008). *Teoria social cognitiva: conceitos básicos*. *Artmed*, 5, 20-62.
- Filho, J. O. C. (2021). *Autoeficácia e Bem-estar Subjetivo de Estudantes de Medicina: Associações com o Desempenho Acadêmico em Avaliação Externa*. Dissertação (Mestrado em Educação) - Universidade do Oeste Paulista – Unoeste, 1, 1-141. <http://bdtd.unoeste.br:8080/tede/bitstream/jspui/1325/5/Jos%c3%a9%20de%20Oliveira%20Costa%20Filho.pdf>. Acessado em: 11 jan. 2022.
- Santabárbara, J. (2019). Autoeficacia estadística en estudiantes de Grado en Medicina. *FEM Revista de la Fundación Educación Médica*, 22(6), 273- 277. http://scielo.isciii.es/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S2014-98322019000600005&lng=es&nrm=iso.
- Lopes, J. M. (2019). *Avaliação da Autoeficácia de estudantes do 4º ano de Medicina em duas escolas com metodologias de ensino diferentes (PBL x Tradicional)*. Dissertação (Mestrado Profissional em Ensino em Saúde) – Universidade José do Rosário Vellano, Unifenas, 1, 1-93.
- Dias-viana, J. L. (2019). *Escala de Bem-Estar Subjetivo Escolar: elaboração de itens e estudos psicométricos*. Dissertação (Mestrado em Psicologia) - Universidade São Francisco, 1, 1-171.
- Souza, L. S. (2020). *Construção e validação de uma escala de autoeficácia docente para o uso de metodologias ativas de ensino e aprendizagem na educação superior em saúde*. Dissertação (Mestrado em Educação) - Universidade do Oeste Paulista – Unoeste, 1, 1-150. <http://bdtd.unoeste.br:8080/jspui/bitstream/jspui/1245/5/Leonardo%20Santos%20de%20Souza.pdf>.
- Martins, G. A. (1992). *Manual para Elaboração de Monografias*. Editora Atlas, 1, 1-204.
- Brasil. (2013) *Resolução nº 466, de 12 de dezembro de 2012*. Diretrizes e normas regulamentadoras de pesquisas envolvendo seres humanos. Ministério da Saúde, Conselho Nacional de Saúde. Diário Oficial da União da República Federativa do Brasil, 150(112)
- Woolfolk Hoy. A. & Davis, H. A. (2001). Teacher self-efficacy and its influence on the achievement of adolescents. *Self-efficacy beliefs of adolescents*, 5, 307-337.
- Bzuneck, J. A. & Guimarães, S. E. R. (2003). Crenças de eficácia de professores: validação da escala de Woolfolk e Hoy. *Revista Psico-USF*, 8(2), 137-143.
- Jimenez, B. M., Hernandez, E. G., Galvez, M., Gonzalez, L. & Pereira, B. (2002). A avaliação do *burnout* em professores. Comparação de instrumentos: CBP-R E MBI-ED. *Psicologia em estudo*, 7(1), 11-19.
- Lipp, M. (2007). *O Stress do Professor*. (5a ed.), Papirus, 6, 1-102.
- Mclaurine, W. D. (2008). A Correlational Study of Job *Burnout* and Organizational Commitment Among Correctional Officers. School of Psychology: Capella University, v. 8, p. 1-170.
- Souza, M. Q. (2020). *O trabalho docente o adoecimento do professor e a desistência da profissão: a docência entre limites e possibilidades*. Monografia (Curso de Pedagogia) - Pontifícia Universidade Católica de Goiás - PUC/GO, 1, 1-31.

Muenchhausen, S., Braeunig, M., Pfeifer, R., Göritz, A. S., Bauer, J., Lahmann, C. & Wuensch, A. (2021). Teacher Self-Efficacy and Mental Health—Their Intricate Relation to Professional Resources and Attitudes in an Established Manual-Based Psychological Group Program. *Frontiers in Psychiatry*, v. 12, p.1-15.

Fernandes, A. (2019). Condições de trabalho de professores: reflexões conceituais e implicações para a docência. *Revista entreideias: educação, cultura e sociedade*, 8(1), 1-20.

Tenzin, K. (2019). Impact of faculty development programme on self-efficacy, competency and attitude towards medical education in Bhutan: a mixed-methods study. DOI: <https://doi.org/10.1186/s12909-019-1904-4>. *BMC Med Educ*, 19(468)

Oliveira, B. B., Marinho, R. L. B., Rêgo, J. C. & Barreto, W. J. (2017). Síndrome de *Burnout*: o mal do trabalhador contemporâneo. In: *Congresso Brasileiro de Ciências da Saúde (CONBRACIS)*, 2, 1 - 7. <https://editorarealize.com.br/revistas/conbracis/trabalhos/TRABALHO_EV071_MD4_SA1_ID559_01052017203720.pdf>.

Lopes, J. M. (2020). Autoeficácia de Estudantes de Medicina em Duas Escolas com Metodologias de Ensino Diferentes (Aprendizado Baseado em Problemas versus tradicional). *Revista Brasileira de Educação Médica*, Brasília, 44(2). http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0100-. Acessado em 11 jan. 2022.

Bopsin, Gustavo & Guidotti, Charles. (2021). Crenças de autoeficácia: uma revisão de literatura no contexto do ensino de física. *Revista de la Academia*. 33, 7-19.

Garcia, L. A., Ramos, M. F. H. & Bassalo, F. S. (2020). Autoeficácia na formação profissional superior: uma revisão da literatura. *Research, Society and Development*, 9(8), 8149-86206. <https://rsdjournal.org/index.php/rsd/article/view/6206>. Acesso em: 28 jun. 2022.

Bechir, E. G., Silva, R. S., Nina, K. C. F., Ramos, M. H. & Ravagnani, L. R. (2020). Autoeficácia docente: percepções de professores da modalidade da educação de jovens e adultos. *Research, Society and Development*, 9(1). 420911-10144. <https://rsdjournal.org/index.php/rsd/article/view/10144>.